

# Dificuldades de Uma Revolução

21. 19

Raul Pilla

57

TODA ditadura, principalmente quando, em vez de fenômeno superficial, se apoiou na massa transviada e explorada, deixa aos governantes uma herança tremenda. É o que se está verificando na República Argentina devastada pelo peronismo, onde o governo revolucionário, apesar da sua firmeza, está encontrando enormes dificuldades.

Não se trata apenas da situação econômica e financeira, que, produzida por longos anos de dominação peronista, não poderia sanar-se, como por encanto, com o simples desaparecimento da causa determinante. As murmurações do povo, ainda tão fanatizado, que ao governo revolucionário atribui a culpa dos efeitos retardados da ditadura deposta, as murmurações do povo não teriam grande importância, se, de acordo com os compromissos assumidos pelos revolucionários, não tivessem de realizar-se brevemente eleições na República Argentina.

É claro que eleições haveriam de fazer-se a maior, ou menor prazo, já que se trata de um movimento restaurador da democracia. Mas que eleições são estas, que se não fazer? Naturalmente e inevitavelmente para o Congresso. E também, mas não necessariamente, para a presidência da República. Aqui, justamente, é que está o maior perigo.

"Quem será o futuro presidente da República? — indaga o sr. Carlos A. Dunshee de Abranches, enviado especial do "Jornal do Brasil". Durante doze anos de regime personalista, o povo argentino se embruteceu no culto de Perón e de Evita. Agora, abatidos os ídolos de pés de barro, não será fácil encontrar um nome que empolgue novamente a nação, ainda que se apele para a tendência caudilhesca da massa".

Apesar disto — informa o jornalista — é fácil organizar em qualquer esquina uma lista de uma dezena de candidatos potenciais. Unir-se-ão estas forças para enfrentar os remanescentes do peronismo? Não o crê o sr. Dunshee de Abranches. E não só. Entre os políticos democráticos há um candidato, o dr. Auturo Frondizi, que, pertencendo à União Cívica Radical, se destacou pela inteligente e corajosa oposição feita a Perón. Vitoriosa a revolução, não perdeu tempo: fez-se escolher candidato à presidência da República por uma convenção do seu partido, antes, até, de marcadas as eleições. Como, porém, satisfazer esta ambição, que poderá ser justa, sem dispor da massa inculta e não ainda desintoxicada dos antigos descamisados? Lancou-se, pois, à sua caça, pedindo a libertação dos peronistas e a anistia em favor dos acusados da prática de delitos durante o regime decaído. E está fazendo mais: está explorando, contra o governo revolucionário e em favor do peronismo deposto, a alta incessante do custo da vida, que ainda não pôde ser detida.

Em resumo, vê-se que, no puro interesse da conquista do poder pessoal, um revolucionário autêntico trabalha no fortalecimento dos partidários da ditadura deposta, fazendo uma criminosa demagogia.

Significará isto, que não deva haver eleições, ou não as deva haver tão cedo? Não. Significa apenas que a revolução argentina se frustrará eleitoralmente, como entre nós se frustrou o movimento de 29 de outubro, por incidir no erro de manter o desastroso regime do poder pessoal, que é o presidencialismo. Formulado o problema desta forma, isto é, escolha direta, imediata e definitiva do governante, é inevitável a revivescência demagógica da situação decaída. Pelo contrário, tal perigo não haveria, se a revolução trouxesse consigo a instituição do regime parlamentar. As eleições far-se-iam, e então se fariam com inteira liberdade e sem perigo, para que obtivessem representação adequada as várias correntes políticas. A formação do governo seria tarefa do parlamento e, no seio dele, mais fácil se tornaria, para o constituir, a aliança das forças democráticas.